

Conjugações do verbo ler:

Relato de experiência sobre formação leitora em serviço

Maria Madalena Monteiro da Rocha

Cecília Maria da Silva Diniz

Bianca Miguel

RESUMO: O presente texto tem como objetivo compartilhar reflexões sobre a formação leitora de profissionais da educação, a partir do relato de experiência de uma proposta de mediação de leitura literária, vivenciada como parte do projeto de formação continuada “Aprender dentro e fora da escola”, realizado em cinco municípios na região do Médio Mearim, no estado do Maranhão. O trabalho foi planejado com o objetivo de ampliar e aproximar o público das estratégias leitoras discutidas por Isabel Solé (1998) e de contribuir para a consolidação de capacidades leitoras (ROJO, 2014), assim como proporcionar a vivência de situações leitoras prazerosas capazes de encantar as participantes e colaborar para a valorização do hábito leitor em suas vidas e na prática educacional com as crianças. Por ser a mediação leitora literária com o público adulto uma temática pouco explorada na literatura sobre formação leitora, este relato visa contribuir com profissionais que atuam na área de formação continuada compartilhando possibilidades de percursos literários a partir da ampliação de práticas leitoras com o público adulto atuante na educação básica, uma vez que acreditamos que somente é possível formar outros leitores se há em si a experiência da leitura.

Palavras-chave: mediação de leitura literária, formação leitora adulta, formação continuada.

ABSTRACT: This article aims to share reflections on the reading training of education professionals, based on the experience report of a proposal for mediation of literary reading, experienced as part of the continuing education project, Aprender Linguagem, carried out in five municipalities in the state of Maranhão. The work was planned with the objective of expanding and bringing the public closer to the reading strategies discussed by Isabel Solé (1998) and to contribute to the consolidation of reading skills (ROJO, 2014), as well as providing the experience of pleasant reading situations capable of enchanting the participants and collaborate for the appreciation of the reading habit in their lives and in the educational practice with children. As the literary reading mediation with the adult audience is a theme little explored in the literature on reading training, this report aims to contribute by sharing possibilities of literary paths from the expansion of reading practices with the adult audience working in basic education, since we believe that it is only possible to form other readers if there is in itself, the experience of reading.

Keywords: mediation of literary reading, adult reading training, continuing education.

INTRODUÇÃO

O presente texto relata uma experiência ocorrida entre 2020 e 2022 e tem por objetivo compartilhar um percurso de formação leitora literária realizado com profissionais atuantes educação infantil (majoritariamente coordenadoras e diretoras¹). A proposta se deu por meio de mediações de leitura, realizadas pelas autoras, que atuam como formadoras no Projeto "Aprender dentro e fora da escola"². Este projeto é realizado pelo Laboratório de Educação³, em parceria com a Secretaria de Educação do Maranhão e as Secretarias de Educação de cinco municípios da região do Médio Mearim, e conta com o apoio da Eneva S.A, empresa de exploração e produção de gás natural que atua nesta mesma região. O Projeto Aprender⁴ foi inicialmente planejado para acontecer de forma presencial, com atuações mensais nos municípios maranhenses parceiros. Porém, com a emergência da pandemia de SARS-CoV-2, causa da doença COVID-19, e a decorrente impossibilidade de deslocamento, optou-se pelo trabalho *online* síncrono, de

tal forma que, ainda à distância, fosse possível realizar trocas e diálogos, permanecendo a construção conjunta de conhecimentos.

O principal objetivo do Projeto Aprender é trabalhar o desenvolvimento da linguagem das crianças em contextos reais e, por isso, a discussão da leitura no cotidiano é um importante eixo desta proposta. Desde o início, buscamos refletir com as equipes educacionais sobre os caminhos possíveis para qualificar as situações de leitura e os diferentes aspectos da formação leitora no contexto da educação infantil.

Ao realizarmos pesquisa bibliográfica através das palavras-chave "formação leitora literária" e "formação continuada", encontramos uma vasta literatura com foco no desenvolvimento das capacidades leitoras nas crianças, assim como teorias e relatos voltados para o embasamento das ações de professoras e coordenadoras. Porém, encontramos poucos textos que falam sobre a ampliação da formação literária de adultos que já leem, provavelmente pela crença de que, por saber ler, um adulto consequentemente compreende e desfruta o que lê, ou seja, domina as mais diferentes estratégias leitoras (SOLÉ, 1998).

¹ Os diferentes grupos são majoritariamente compostos por mulheres e por isso optamos por escrever o texto priorizando sempre o uso do feminino. Buscamos com essa ação visibilizar as participantes que são a base do trabalho com a Educação Infantil e, normalmente, passam despercebidas por meio do uso genérico do masculino.

² Para agilizar a comunicação a partir de agora nos referiremos ao projeto apenas pelo nome "Aprender".

³ O Laboratório de Educação é uma organização não governamental, fundada em 2012, por Beatriz Cardoso e Andrea Guida Bisognin. Atua por meio do desenvolvimento de metodologias e da implementação

de projetos que resultam de um ciclo permanente de pesquisa com vistas à sistematização de conhecimentos pedagógicos estratégicos, focados, entre outras frentes, na formação continuada de profissionais que trabalham em contextos educativos na rede pública em diferentes regiões do Brasil. Para conhecer mais sobre o Laboratório de Educação, acessar o site: <https://labedu.org.br/>.

⁴ Projeto Aprender - dentro e fora da escola (2019-2022). Coordenação: Andrea Guida Bisognin e Nicole Paulet Piedra (2019-2021); Gisele Goller e Elisa Wajskop Machado (2021-2022).

Rojo (2004) discute o triste cenário brasileiro, no qual grande parte da população, mesmo tendo acesso à escolaridade, não desenvolve as capacidades leitoras necessárias à comunicação de forma abrangente, necessária na sociedade letrada. Isso porque as práticas desenvolvidas na escola, muitas vezes, se detêm na decodificação das letras e palavras, mas não adentram as capacidades de compreensão e também de apreciação e réplica.

Na introdução do *Documento Curricular do Território Maranhense*, encontramos registrada a seguinte preocupação dos responsáveis pela educação do estado:

[...] o IDH⁵ considera como um indicador a taxa de analfabetismo no qual, segundo dados recentes, o estado do Maranhão se apresenta como o segundo maior índice do país, com uma taxa de 16,7% (IBGE, 2017), o que corresponde, aproximadamente, a 850.000 analfabetos no estado (MARANHÃO, 2019, p. 11).

Segundo dados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020)⁶ houve queda de cerca de 4,6 milhões de leitores entre 2015 e 2019. A pesquisa considera “leitor” a pessoa que leu, inteiro ou em partes, ao menos um livro nos últimos três meses, antes da realização da pesquisa. Entre as pessoas apontadas como principais influenciadoras do gosto pela leitura, aparece primeiro o/a professor/a com 15%. É também o/a professor/a que desponta como maior responsável por

incentivar o interesse dos alunos (52%) pelos gêneros literários.

Por tudo isso, tínhamos clareza da importância de trabalharmos a formação leitora dessas agentes que realizariam, de forma direta ou indireta, as ações de leitura com as crianças. Partimos do pressuposto de que, para formar leitores, é necessário que o formador já seja, ele mesmo, um leitor. Nos embasamos aqui no conceito de Paulo Freire (1987), no qual prática e teoria são indissociáveis para construir uma educação realmente emancipadora, e nos perguntamos: “Como trazer a leitura literária para o cotidiano das professoras e coordenadoras de educação infantil de modo a aproximar o olhar delas para a literatura como arte a ser desfrutada?”, “Como construir um espaço dialógico onde a voz de cada uma seja escutada?”.

Esse contexto nos mobilizou a planejar para este público uma ação continuada de mediação leitora com os seguintes objetivos: proporcionar às participantes um percurso leitor que lhes possibilitasse se encantar com a literatura, de modo a, gradualmente, valorizarem a leitura literária e sua constante presença na ação com as crianças. Além disso, pretendíamos enriquecer o repertório de textos literários e também de autoras/es conhecidas/os e ampliar a compreensão das estratégias leitoras em intervenções antes, durante e após a leitura

⁵ O IDH, “Índice de Desenvolvimento Humano”, mede e avalia o desenvolvimento de um país segundo os seus aspectos sociais e econômicos, como qualidade de vida, renda e escolarização. Esse indicador permite que os países sejam comparados, sendo,

portanto, um parâmetro global de desenvolvimento social.

⁶ *Retratos da Leitura no Brasil* é uma pesquisa em âmbito nacional, realizada pelo Instituto Pró-Livro, que tem por objetivo avaliar o comportamento do leitor brasileiro.

(SOLE, 1998), despertando nelas a possibilidade de revisar a prática de leitura literária nas escolas em que atuavam.

PERCORRENDO UMA EXPERIÊNCIA LEITORA

A partir dos relatos das participantes ao longo das propostas de mediação leitora, pudemos inferir que a maioria delas teve a escolaridade inicial pautada no entendimento da língua como código a ser ensinado e aprendido de forma técnica. Neste contexto, a criança é vista como incapaz de assumir o lugar de leitora, já que o foco está em acertar e não em explorar a língua; e a função do ensino é ajudá-la a adquirir a técnica da soletração para que, a partir do momento em que consiga soletrar (decodificar), esteja pronta para ler. Nesta perspectiva, não há espaço para se relacionar com o texto, compartilhar diferentes percepções e/ou argumentações. Por terem experimentado a leitura em sua vida escolar por este viés, as participantes inicialmente demonstravam receio de se posicionar perante o texto lido, por medo de dizer o que pensaram ou compreenderam e não ter a resposta "certa" que supunham ser esperada por nós, as formadoras.

Este trabalho aqui relatado está alinhado com Solé: o:

[...] leitor que constrói o significado do texto, e este sentido irá variar de leitor para leitor, pois o significado que um escrito tem para um leitor não é a tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto e os conhecimentos prévios do leitor (1998, p. 22).

A partir do diagnóstico feito a respeito da necessidade de transformar o olhar das educadoras sobre a importância da leitura literária na Educação Infantil, elaboramos um plano de mediação, garantindo espaço para a leitura literária e para o diálogo sobre o texto em cada encontro formativo. Em nossa proposta foram colocadas em jogo estratégias de leitura, incentivamos o compartilhamento de diferentes visões sobre a obra, de modo a favorecer a construção coletiva de significado dos textos lidos. Coletamos relatos e depoimentos nos encontros de formação que contribuíram para a avaliação e replanejamento do trabalho ao longo de todo o processo. Essas falas serão utilizadas também para embasar este texto.

Em nossa preparação para a leitura que realizaríamos para as participantes, seguimos os aspectos ressaltados por Teberosky (2020, p. 39-40): ensaiar em voz alta, fazer uma leitura articulada e clara, utilizar "o ritmo, os gestos, os olhares, as pausas para garantir a atenção do receptor", "mudar o tom de voz nos diálogos dos personagens de modo a diferenciá-los da narração", comunicar-se visualmente com a audiência; pequenos cuidados que muitas vezes foram avaliados positivamente e percebidos pelas participantes como uma diferença em nossa maneira de ler.

O que vislumbramos e acreditamos ser possível a partir destas proposições de mediação dos textos literários é que, quando apoiadas por boas práticas, as pessoas podem passar por transformações no seu modo de conceber a leitura, tanto para si, quanto para o seu fazer como educadora.

Sempre lembrando, como preconiza Teberosky (2020, p.24), que ler e escrever correspondem à aprendizagem de um objeto cultural e que, portanto, ocorre por interação e intermediação de outras pessoas.

NARRAR: A PARTE DA HISTÓRIA HUMANA

Considerando a proximidade cotidiana das participantes com o gênero narrativo, optamos por começar o trajeto de formação leitora pessoal pelos contos. Iniciamos por Marina Colasanti, que, com uma escrita marcada pelo tom poético e por similitudes com os contos clássicos, nos pareceu ter potencial para propiciar uma experiência que despertaria o prazer pela leitura.

O conceito de experiência que ilumina esta prática é preconizado por Larrosa (2002), que compreende a experiência como aquilo que nos passa, nos acontece e nos toca:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p. 24).

Com este foco, entre os contos de Colasanti, selecionamos alguns que abordam temas atuais, como a questão de gênero

e o respeito à diversidade e às relações humanas em geral. Bajour (2020, p. 27), nos lembra da importância das escolhas: "a seleção dos textos que serão oferecidos [...]. Aí se inicia a escuta; aí o ouvido do mediador começa a se apurar".

Compartilhamos com os grupos nosso plano de dedicar alguns encontros para a leitura de contos de Marina Colasanti. Selecionamos três textos desta autora, um para cada encontro: "Entre as folhas do verde Ó" (2015), "Entre a espada e a rosa" (1992) e "Uma concha à beira mar" (2006). Para os dois primeiros, o planejamento de leitura que traçamos previa algumas intervenções antes, durante e após a leitura (SOLE, 1998), sempre com uma organização que garantiria que todas as pessoas pudessem ser ouvidas e respeitadas ao compartilhar suas percepções.

Propúnhamos uma intervenção inicial para o levantamento de hipóteses sobre o conto a partir da imagem da capa do livro e/ou do título, de acordo com o que havíamos avaliado ser mais potente em cada contexto. Durante a leitura, algumas estratégias que podem ser acionadas são: ler, resumir e checar as hipóteses, refutando ou confirmando e, quando necessário, elaborando novas. Por isso, planejamos duas ou três pausas com perguntas abertas como: "O que você imagina que a personagem vai fazer?"; "Se fosse você, o que faria?"; "Que conselho daria à personagem?", tanto para criar suspense, como para compartilharem suas antecipações e hipóteses sobre o que imaginavam que aconteceria a seguir no texto.

Por vezes, ao final, retomávamos a conversa inicial como uma possibilidade de refletirem sobre a confirmação ou refutação das hipóteses levantadas. Outra estratégia adotada foi partilhar os diferentes entendimentos do final e a também a relação que se podia estabelecer entre o que se passa naquele conto imaginário e o que se passa em nossas vidas.

Encerramos o percurso de Marina Colasanti com uma proposta diferente das que havíamos praticado anteriormente. As participantes receberam o conto “Uma concha à beira mar” com antecedência, foram convidadas a ler individualmente e grifar dois ou três trechos para compartilhar com o grupo, explicando os motivos da escolha. Esta forma de leitura foi inspirada pelas *Terúlias Dialógicas Literárias*, patenteadas pelo CREA (Comunidade de Pesquisa em Excelência para Todos), em que se pratica a leitura dialógica para construção conjunta de entendimento do texto. Nosso objetivo, uma vez que as participantes já tinham conhecido outros dois contos da autora, era propor uma conversa na qual as participantes poderiam expor sua experiência de leitura de forma mais livre e ter mais autonomia na partilha de suas impressões e relações estabelecidas com o texto.

Foi interessante notar como muitas das participantes estavam encantadas com a autora e leram não só os contos solicitados, mas vários outros. Ao final destas primeiras mediações, ouvimos relatos que revelaram o quanto nossas escolhas e intervenções como formadoras tinham sido adequadas aos objetivos que havíamos traçado.

NAVEGANDO PELOS MARES DE SARAMAGO

Diante da avaliação positiva em relação ao primeiro percurso, decidimos trazer um novo desafio: a leitura de um livro em partes. Em virtude do pouco tempo que tínhamos e da prática de leitura pessoal incipiente da quase totalidade das participantes, escolhemos um livro curto, porém que oferecia a possibilidade de aproximação a um importante autor da língua portuguesa, José Saramago. Nossa aposta era que este pequeno livro, *O conto da ilha desconhecida* (SARAMAGO, 1998), que apresenta uma narrativa envolvente, contribuiria para que as participantes se iniciassem na leitura deste autor, interessando-se por ele e pela forma como faz arte por meio da linguagem escrita.

Para fazer o planejamento, estudamos o livro para entender onde estavam os pontos de virada da história que poderiam causar suspense sobre a continuidade da leitura e o dividimos em três partes, já que se trata de um conto que não está organizado em capítulos. Como nos encontros anteriores, foram planejadas as intervenções que seriam feitas antes, durante e ao final de cada leitura.

Com os grupos, contextualizamos a biografia do autor e comentamos que o texto fora escrito em português de Portugal, por isso encontraríamos palavras estranhas ao nosso vocabulário; logo, no primeiro encontro, após a leitura de um trecho inicial, paramos para conversar sobre o significado

das palavras *petições* e *obséquios*. Depois de garantir a compreensão, comentamos sobre a possibilidade de tentar compreender o significado pelo contexto e, quando isto não for possível, pausar a leitura para pesquisar o significado.

Por ocasião dessa leitura, estávamos em época de campanha eleitoral no Brasil, o que levou as pessoas, em sua maioria, a associarem a história à temática da gestão pública. Interessante observar como a literatura tem como característica o fato de tocar as pessoas em qualquer época e em qualquer lugar do mundo justamente por abordar temas humanos.

Para a leitura do segundo trecho, as pessoas já estavam entregues à história e ansiosas por saber a continuação e confirmarem ou não suas hipóteses. Este trecho explicita a relação entre um homem e uma mulher, o que aguçou a curiosidade do público. Quando chegamos na última parte do livro, foram compartilhadas belíssimas reflexões sobre as relações entre casais, os sonhos que nos movem e os que ficam guardados para sempre.

Notamos que esses dois percursos de leitura, com Colasanti e Saramago, contribuíram para que a maior parte das pessoas participasse das mediações de forma mais espontânea, se desvencilhando da preocupação de encontrar a resposta "certa" ou de relacionar o texto literário apenas ao seu ambiente de trabalho, a educação. Como podemos observar no relato a seguir, proferido por um dos participantes.

Enquanto leitor, os ganhos proporcionados por este curso foram incontáveis: O conhecimento e a análise de

textos dos escritores Marina Colasanti e José Saramago, suas formas de tratar as palavras e ideias, marcas literárias de suas produções, realmente, foram plausíveis nesta jornada formativa. (Participante A.F.C).

Alimentadas com depoimentos semelhantes a esse, partimos das aventuras com Saramago para um trecho em terra firme com outro gênero textual: os poemas.

DUAS POETAS, DOIS MUNDOS

Para este percurso de mediação, elegemos poetisas brasileiras: Cora Coralina e Cecília Meireles. Nos grupos, observamos que poucas pessoas conheciam a obra de Cora Coralina, mas a grande maioria, senão todas, conheciam Cecília Meireles, pois fazia parte dos materiais utilizados na escola em suas trajetórias como estudantes.

Foram escolhidos três poemas de cada autora, um para cada encontro. Em seguida, foram planejadas perguntas e intervenções que propunham uma mediação entre as participantes e o texto. Como os poemas eram curtos, optamos por fazer colocações apenas antes e depois da leitura, sem fazer pausas durante a leitura, como nos percursos anteriores.

A partir do título do poema, convidamos as participantes a estabelecerem relações com o texto, considerando seus conhecimentos e vivências prévias sobre a temática anunciada no título. Após a leitura, retomamos as hipóteses levantadas pelo grupo e abrimos espaço de escuta para que

compartilhassem suas impressões e reflexões.

Iniciamos por Cora Coralina com os poemas: "Todas as vidas" (2014), "Quem é você?" (2002) e "Exaltação de Aninha" (1997). No primeiro encontro, antes da leitura, conversamos sobre a biografia da autora. Duas informações impressionaram bastante: o fato de Cora Coralina ter pouca escolaridade formal e de ter começado a publicar seus livros aos 76 anos de idade.

A forma de escrita da autora, retratando sua vida e suas experiências, falando do lugar de uma mulher do povo, calaram fundo nos diferentes grupos nos quais foram realizadas as leituras. Muitas das participantes retomaram suas raízes, suas experiências de vida de netas e filhas de mulheres lavadeiras, cozinheiras ou trabalhadoras rurais e puderam reconhecer em si um pouco da história relatada por Cora Coralina, contemplaram suas vidas e as de suas ancestrais registradas em forma de arte, texto, poesia.

Foi unânime o encantamento com a autora e com sua história de vida. Inclusive, a proximidade percebida entre as participantes e ela fortaleceu também os vínculos entre as pessoas do grupo, que, por partilharem tantas lembranças e momentos íntimos de suas histórias de vida, foram ficando cada vez mais à vontade para falarem e serem ouvidas. Ações que a maioria antes enfrentava, com alguma ou bastante resistência, como ligar a câmera, falar de si, das relações estabelecidas com o texto e com as falas dos demais colegas,

passaram a ser realizadas de maneira mais espontânea, sem tanta timidez ou receio.

Após essa calorosa acolhida de Cora Coralina, o grupo reencontrou-se com Cecília Meireles, autora conhecida da grande maioria, desde os tempos de escola. Selecionamos desta autora, três textos do livro *Viagem. Vaga Música* (1982): "Motivo", "Retrato" e "Aluna", Imaginávamos que, assim como havia acontecido com Cora, seriam momentos de muitas trocas e partilhas, porém, esses não foram textos que imediatamente engajaram os grupos em discussões e comentários.

Importante ressaltar que o fato de já conhecerem a autora não garantiu a compreensão imediata de sua forma de escrita. Constatamos que seria necessário planejar outras formas de intervenção para aproximar as leitoras da poeta, assim como apoiá-las na compreensão do texto. Passamos a propor primeiro uma conversa acerca do tema que seria tratado no texto, para depois, a partir dessas reflexões pessoais do grupo, conversar sobre o poema. Em "Aluna", por exemplo, a proposição inicial foi: "Se você pudesse dizer em uma frase que aluna/o foi você, que frase seria esta?". Logo, após a partilha de memórias sobre esse período da vida, convidamos então o grupo a acompanhar essa mesma experiência relatada nas palavras de Cecília Meireles.

Os planejamentos eram diretrizes para a proposta de leitura, porém, para realizar uma verdadeira mediação, a nossa escuta esteve sempre apurada não só para o que era dito por meio das palavras, mas

também por meio de ações. Os silêncios, as câmeras abertas ou fechadas, as incertezas ou segurança na fala, todas essas entrelinhas, serviram de material para (re)avaliarmos e refletirmos conjuntamente sobre os caminhos e decisões que tomávamos, pois de nada adiantaria traçar um belo caminho, se as participantes não aceitassem o convite de trilhar por ele. Portanto, a escuta, a avaliação e o replanejamento foram ferramentas valiosas em nosso trabalho com a mediação de leitura.

CONHECENDOS NOVOS AUTORES/AS: UM PERCURSO DIVERSO

Para o ano de 2022, optamos por planejar um percurso com autoras e autores brasileiros/as contemporâneos menos conhecidos que abarcam a representatividade de grupos historicamente marginalizados: negros, indígenas e LGBTQIAPN+⁷. Essas escolhas estiveram alinhadas, entre outros pontos, com a proposta de representar a diversidade da população Maranhense, como mencionada no *Documento Curricular do Território Maranhense*:

[...] o Maranhão é um dos estados mais miscigenados do Brasil. Segundo o IBGE, quase 70% da população se autodeclara “parda” [...].

A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) estima que atualmente no Maranhão habitam, aproximadamente, 15 mil indígenas, distribuídos em sete grupos étnicos diferentes, com dois troncos linguísticos distintos: o tupi-guarani e o macrojê [...].

Segundo o IBGE, os afrodescendentes são a maioria da população do estado

maranhense por causa do forte tráfico negreiro entre os séculos XVIII e XIX, que trouxe milhares de negros da Costa da Mina e da Guiné. Atualmente, o Maranhão conta com mais de 700 comunidades quilombolas que se concentram na região da baixada maranhense e próximas aos rios Itapicurú e Mearim [...] (MARANHÃO, 2019, p. 11).

Nosso intuito foi o de proporcionar a vivência deste percurso de forma a suscitar em cada pessoa suas próprias leituras e reflexões, que seriam ampliadas ao serem compartilhadas no grupo, considerando a perspectiva de Freire:

A autossuficiência é incompatível com o diálogo [...]. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (1987, p. 93).

Dessa forma, elaboramos uma proposta considerando as necessidades e conquistas observadas ao longo dos anos de formação. Um de nossos objetivos nesta nova fase era, por meio da literatura, discutir as questões de classe, gênero e raça, temáticas urgentes na contemporaneidade, a partir do diálogo e não da apresentação de ideias pré-estabelecidas pelas formadoras. Também optamos por apresentar a biografia das/os autoras/es somente depois da leitura, invertendo a ordem do que havíamos feito até então, para observar com elas se essa contextualização mudaria algo sobre a percepção do texto, ao conhecerem as informações sobre quem o escreveu.

⁷ LGBTQIAPN+ é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros,

Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais / Arromânticas / Agênero, Pan / Poli, Não-binárias e mais.

A partir dessas reflexões, elaboramos o percurso que está acontecendo no ano de 2022, com as/os seguintes autoras/es e textos: Julie Dorrico, com "O homem de ouro", do livro *Eu sou Macuxi e outras histórias* (2019); Solano Trindade, com o poema "Tem gente com fome" (2012); Conceição Evaristo, com o conto "Lumbiá" do livro *Olho D'Água* (2016); e Carolina Maria de Jesus, com trechos do diário registrado pela autora no livro *Quarto de despejo* (2020). Traremos a seguir um recorte apresentando dois autores já trabalhados até o momento de escrita deste relato.

Um desafio presente na elaboração do percurso foi a necessidade da escolha de textos curtos que pudessem ser lidos e discutidos em uma hora, tempo dedicado para a atividade, dentro do encontro de formação. Também decidimos implementar algumas mudanças que pudessem consolidar a autonomia leitora das participantes, considerando que já estamos no terceiro ano do projeto. Mesmo considerando que continuaríamos fazendo a leitura em voz alta na mediação de leitura, propusemos uma preparação prévia: a primeira leitura do texto realizada individualmente e o registro das impressões pessoais no "diário de leitura"⁸, de tal modo que pudessem refletir e registrar por escrito o que a leitura suscitou em cada uma de forma mais aprofundada.

O diário de leitura endereça uma pergunta orientadora que ajuda a organizar

as percepções: "O que o texto me fez sentir/pensar/questionar/reafirmar/recordar?" Relembramos com essa pergunta que o objetivo não é "acertar" ou "errar", mas sim propiciar uma reflexão pessoal a respeito das sensações e emoções acionadas pelo texto.

Vale destacar ainda o papel fundamental que a escrita desempenha para o registro da prática pedagógica na Educação Infantil, muitas vezes subutilizada. Sendo assim, favorecer a escrita como parte da experiência leitora foi uma maneira de dar sentido a ela e possibilitar que, neste reconhecimento, outros usos do registro escrito pudessem ser incorporados à rotina. Por fim, o diário cumpriria também a função de sintetizar as reflexões e facilitar assim o compartilhamento das falas sobre o texto.

Iniciamos com o texto "O homem de ouro" de Julie Dorrico, uma autora indígena que trata de questões relacionadas ao garimpo e à degradação dos homens e da natureza causadas por essa atividade. Para nossa surpresa, após a leitura, muitas participantes, de maneira espontânea, quiseram partilhar histórias familiares envolvendo o garimpo, relatando identificação com o texto. Uma delas trouxe o seguinte relato:

Depois que ouvi sobre a autora, ela falando da busca que fez da sua identidade indígena, eu me lembrei da minha bisavó. Meu avô me contava que ela foi pega no mato. Ele usava um palavreado estranho pra falar dela, que foi amarrada e amansada igual bicho bravo. Só agora eu parei para pensar que isso foi uma violência. Aquilo era

⁸ O diário de leitura é a proposta de que as participantes registrem suas impressões sobre cada leitura realizada ao longo deste percurso, criando assim

uma memória que poderá ser consultada, sobre os textos lidos e suas impressões pessoais.

tido como natural. Depois dessa leitura fiquei com vontade de ir procurar saber mais dessa minha bisavó. (Participante E.C.S.S)

Outro ponto de destaque suscitado por esta mediação foi a presença das imagens que acompanham o texto, usadas para o levantamento de hipóteses antes da leitura e revisitadas para a confirmação ou não dessas depois da leitura. Para Rojo (2014), compreender a relação entre a linguagem visual (ilustração) e a linguagem escrita é uma importante capacidade leitora de apreciação. Nesta experiência, observamos que muitas das participantes foram capazes de ampliar a compreensão do texto a partir da correlação do que foi lido com o que podiam apreciar nas imagens.

A partir desta vivência, refletimos sobre como boas ilustrações são capazes de trazer informações para além do texto e, a partir disto, também foi possível discutir sobre a importância das ilustrações nos livros de literatura infantil, pois estas, muitas vezes, não apenas repetem o que está escrito no texto, mas complementam, ampliam ou contradizem o texto, criando novos e diferentes sentidos para o livro como obra literária (LINDEN, 2011).

O segundo texto foi "Tem gente com fome" de Solano Trindade, autor negro que escreveu principalmente sobre as injustiças cometidas contra seu povo. O poema trata da desigualdade social e utiliza o recurso da aliteração, de forma que o verso "tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome" repetido ao longo do texto, quando lido de forma cadenciada, lembra o som das locomotivas.

A leitura em voz alta foi acompanhada da apresentação das ilustrações feitas para uma edição do texto publicada pela Editora Volta e Meia. Esta obra suscitou muitos comentários a respeito de sua atualidade, embora tenha sido publicada em 1944. O primeiro ponto comentado foi a percepção da sonoridade provocada pela aliteração: algumas pessoas disseram que só notaram a semelhança com o barulho do trem quando o texto foi lido em voz alta pelas formadoras com a cadência para acentuar a sonoridade.

As ilustrações novamente ajudaram a ampliar percepções, uma participante mencionou que, apenas quando as viu, percebeu que se tratava de uma crítica social. Houve uma discussão interessante a respeito das diferenças entre as manifestações da pobreza urbana e rural, sendo que a última é a realidade de muitas delas.

Observamos que as discussões neste percurso, que ainda está em andamento e que visa abranger um pouco mais a diversidade brasileira, abriu caminhos para importantes discussões políticas e críticas de temas que as pessoas percebem em seu cotidiano e, mobilizadas pela literatura, encontram espaço para reflexão e discussão.

PARA SEGUIR CONJUGANDO O VERBO LER

Tínhamos como objetivos iniciais proporcionar às participantes uma experiência leitora que pudesse encantá-las, bem como ampliar seu

conhecimento e prática sobre estratégias leitoras, de modo que, ao vivenciar a leitura literária de forma mais consistente em suas próprias vidas, pudessem também valorizá-la na ação com as crianças da educação infantil.

Por meio de depoimentos, comentários e devolutivas das participantes, pudemos averiguar o quanto a experiência com a leitura foi transformadora tanto no âmbito pessoal, como profissional. Como comentado por M. S., "O meu processo de aproximação pessoal com a literatura foi tardio, eu demorei muito para ter livros para ler e aqui vejo a importância das crianças desde cedo terem a chance de se aproximarem da literatura", ou na fala de G. S.: "Foi emocionante conhecer a história de Cora Coralina e me lembrar que quando criança eu ia com minha avó lavar roupa no rio. Ouvir o poema, me levou até essa memória que estava quase esquecida".

Neste processo de mediação de leitura com pessoas adultas, já escolarizadas, mas que muitas vezes tinham dificuldade de expressar-se e comunicar suas percepções sobre o texto, vivenciamos alguns desafios, um deles foi a dificuldade de estabelecer vínculos e contornar a inibição das participantes, transpondo a frieza e o distanciamento do ambiente virtual, de tal maneira que se sentissem à vontade conosco e com o grupo para compartilharem seus pensamentos e reflexões; outro ponto desafiador foi encontrar meios de suplantar uma cultura escolar que as marcou em suas vivências, arraigada na ideia de uma leitura passiva, na qual uma conversa literária só pode ser respondida se

a pessoa souber "a resposta certa" ou o que o/a autor/a "quis dizer".

Para solucionar essas questões, a escolha dos textos foi fundamental, pois nos ajudaram a quebrar essas barreiras e a aguçar o desejo de partilhar as impressões pessoais sobre a leitura. Outro fator importante foi o planejamento de boas intervenções encaminhadas durante as mediações, perguntas que inquietam e convidam o grupo a se posicionar, a pensar sobre si em relação ao que era apresentado no texto.

Além disso, no percurso atual, provavelmente por ser ainda uma novidade, a implementação do diário de leitura tem sido uma proposta desafiadora. Expressar-se por meio da escrita de tal maneira a sintetizar a ideia que se quer comunicar ainda encontra bastante resistência nos diferentes grupos. Muitas das participantes vêm para a reunião sem terem realizado o registro; quem o fez diz que não ficou bom ou não se sente completamente satisfeita apenas com a leitura do que escreveu e complementa com a fala livre o que pensou. Tal desafio nos revela pouca familiaridade com a prática da escrita como meio de registro e comunicação entre os grupos. Sabendo disso e também da importância da escrita no ambiente educacional, continuamos investindo na proposta, fazendo alterações no planejamento para acolher e incentivar as participantes, como: destinar um tempo para que registrem suas impressões após a leitura, compartilhar nossos próprios registros e ainda comentar os diários lidos ressaltando a diversidade de possibilidades de escrita sobre o tema proposto na leitura.

Tais desafios e nosso alinhamento com a ideia de Paulo Freire (1996) de que é extremamente necessário nos colocarmos “de forma indagadora e não apassivada, enquanto falamos e enquanto ouvimos”, nos motivou a seguir buscando novas estratégias para fomentar a participação e a construção coletiva dos significados do texto, para além do que propúnhamos em encontros presenciais.

Observamos que a inibição estava também relacionada ao quanto as participantes se sentiam seguras ou inseguras perante um texto, por isso, o processo de mediação de leitura não podia ser baseado em um planejamento imutável e rígido; pelo contrário, ele foi sendo revisto e repensado conforme as respostas e necessidades apresentadas pelos diferentes grupos, uma construção conjunta entre as formadoras, pautada na escuta das respostas, aprendizagens, conquistas e dificuldades expressas pelas diversas participantes.

Apesar de termos percorrido caminhos diversos, trazendo autores mais conhecidos, canônicos e, recentemente, autores que estão despontando com temáticas urgentes, consideramos que nossa principal aposta foi a perspectiva de que o diálogo possibilitaria a ampliação dos entendimentos, repertórios e a construção de uma prática leitora.

REFERÊNCIAS

BAJOUR, C. **Ouvir nas entrelinhas: o valor das práticas de leitura.** São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

COLASANTI, M. Entre a espada e a rosa. In: **Entre a espada e a rosa.** São Paulo: Editora Salamandra, 1992.

COLASANTI, M. Uma concha à beira mar. In: **Doze reis e a moça do labirinto do vento.** São Paulo: Editora Global, 2006.

COLASANTI, M. Entre as folhas do verde Ó. In: **Uma ideia toda azul.** São Paulo: Editora Global, 2015.

CORALINA, C. Exaltação de Aninha In: **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha.** São Paulo: Global Editora, 1997.

CORALINA, C. Quem é você? In: **Meu livro de cordel.** São Paulo: Global, 2002.

CORALINA, C. Todas as vidas In: **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.** São Paulo: Global, 2014.

DORRICO, J. O homem do ouro. In: **Eu sou macuxi e outras histórias.** Belo Horizonte: Caos e Letras, 2019.

EVARISTO, C. Lumbiá. In: **Olho D'Água.** Rio de Janeiro: Pallas Editora.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo.** São Paulo: Editora Ática, 2020.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil.** 5. ed. 11 set. 2020. Disponível em: <https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2022.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, 2002, p. 20-28. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

LINDEN, Sophie van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MEIRELES, C. **Viagem. Vaga música**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

ROJO, R. **Letramento e Capacidades de leitura para a Cidadania**. São Paulo: SEE/CENP, 2004. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/127758896/Letramento-e-Capacidades-de-Leitura-Para-a-Cidadania-Roxane-Rojo>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SARAMAGO, J. **O conto da Ilha desconhecida**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, A. **Palavras às professoras que ensinam a ler e escrever**. 1. ed. – São Paulo: Editora Moderna, 2020. E-book.

TRINDADE, S. **Tem gente com fome**. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.

SOBRE AS AUTORAS:

Maria Madalena Monteiro da Rocha é mestre em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da ECA/USP; pós-graduada em Didática da Alfabetização pelo Instituto Superior de Educação Vera Cruz (ISEVEC); graduada em Pedagogia pela PUC/SP. Atuou como professora alfabetizadora durante 17 anos na Escola Vera Cruz/SP e é formadora em projetos de formação de educadores na área de leitura, escrita e comunicação oral desde 1998. Atuou como formadora no CENPEC, Comunidade Educativa CEDAC, Movimenta Educação e no Instituto Natura, atuando junto a Secretarias de Educação estaduais e municipais, gestores escolares e docentes; foi Professora colaboradora do curso de Pós-graduação em Comunidade de Aprendizagem,

do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos, SP, nos anos de 2017 a 2019; Assessora do Projeto “Aprender com prazer”, da União Brasileiro Israelita de Bem Estar Social (UNIBES) desde 2012; autora do livro “O veado e o sapo” e coautora do livro “O filho do caçador e outras histórias-dilema da África” (selecionado para o Projeto Leituraço da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo); integra a equipe de Formadoras do Projeto Aprender Linguagem, do Labedu, Laboratório de Educação, atuando no Maranhão. | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8259356421595343>

Cecília Maria da Silva Diniz é graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), em Pedagogia pelo Instituto Singularidades e pós graduada como arte-educadora pelo Centro Universitário Maria Antonia (USP). Mestranda no programa Educação e Ciências Sociais - desigualdades e diferenças da Faculdade de Educação (USP), estuda gênero nas políticas públicas para educação infantil. Atua como educadora há 20 anos, trabalhou como professora na educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental I, se dedicando à pesquisa do ensino de artes, literatura infantil e alfabetização. Desde 2016 atua como formadora em projetos de formação continuada. Atualmente integra a equipe de Formadoras do Projeto Aprender Linguagem do Laboratório de Educação (LabEdu), atuando com equipes da rede municipal do Maranhão. || Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2659119477519367>

Bianca Miguel é Graduada em Ciências Sociais pela PUC São Paulo com especialização em Gestão de Projetos Sociais pelo SENAC São Paulo, atua na área social desde 2000. Fez parte da equipe de implantação e gestão do Projeto Telecentros SP. Cofundadora do Coletivo Digital, Organização Social que atua para democratização e acesso à cultura colaborativa, Software Livre e tecnologias da informação e comunicação, atual conselheira. Desde 2014, atua como formadora de professoras e gestoras da Educação Pública. | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5800183526029551>